

## Article

# Da fonte ao leitor: a acomodação do discurso científico em jornais da América Latina

**Fernanda Veneu, Luis Henrique Amorim, Luisa Massarani**

*A informação científica – desde o momento em que é produzida pela comunidade científica até atingir o público não especializado através dos jornais – é submetida por um processo complexo de adaptação. Neste artigo, analisamos como ocorre o processo de acomodação da informação científica fornecida por uma fonte primária (uma revista científica) em um discurso jornalístico (jornais diários). Como estudo de caso, analisamos quatro artigos científicos publicados nas revistas Science e Nature simultaneamente usados por distintos jornais da América Latina como fontes para produzir suas reportagens. Observamos que o processo de acomodação para um novo espaço, o jornalístico, representa uma mudança significativa no conteúdo dos textos, que inclui a existência de informações que desaparecem, aparecem ou que são deliberadamente alteradas; as transformações léxicas, no estilo e nas argumentações; a mudança na hierarquização das informações; a mudança da ênfase nas informações e no impacto social que podem ter.*

### 1. Introdução

No cenário internacional, identificam-se vários estudos sobre a cobertura de temas de ciência e tecnologia em jornais diários (ver, por exemplo [17], [5], [16], [4] nos Estados Unidos, [7], [22] no Canadá, [18] na Alemanha, [10], [2], [11] no Reino Unido, [3] na Itália, na Índia, só para citar alguns).

Na América Latina, há um número reduzido de estudos nessa direção (por exemplo [19] na Argentina e [21] na Colômbia). Menos frequentes são os estudos que buscam comparar o jornalismo científico praticado nos distintos países da região. Além disso, um aspecto pouco explorado na análise da cobertura de ciência dos jornais é o fato de que a informação científica – desde o momento em que é gerada no âmbito da comunidade científica até chegar ao público não-especializado por meio dos jornais – passa por um processo complexo de adaptação.

Seguindo essa linha, Fahnestock [8] procurou mostrar que esse processo de adaptação não consiste simplesmente de uma transformação do jargão científico para equivalentes não-técnicos. Ela afirma que, na verdade, trata-se de uma mudança de discurso. Para defender seu ponto de vista, a autora se baseia no modelo aristotélico [1], que dividiria a retórica em três gêneros de discurso: deliberativo (busca-se a deliberação sobre questões de interesse particular ou geral, com um olho no futuro); demonstrativo ou epidíctico (compreende discursos de elogio ou censura, ocorrendo, por exemplo, em cerimônias ou entregas de prêmios; tem sua base no presente e, em geral, preocupa-se com a solidificação de valores da audiência); judiciário ou forênsico (refere-se a avaliações sobre a natureza e a causa de eventos passados, em que diversas estratégias de convencimento são utilizadas).

Para Fahnestock, os textos científicos originais seriam prioritariamente “judiciários”, pois estão essencialmente relacionados ao estabelecimento da verdade das observações que registram. Um dos objetivos que se persegue é a persuasão do leitor sobre a correção e a relevância dos novos conhecimentos anunciados. Já os textos de divulgação científica seriam prioritariamente “epidícticos”: sua finalidade principal seria celebrar, em vez de validar as informações.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Uma versão em português do artigo pode ser encontrada em Massarani, Turney & Moreira (2005).

Com base na hipótese de que de fato há uma mudança de discurso quando a informação é acomodada<sup>2</sup> quando é retirada de um artigo científico e transformada em uma reportagem jornalística, Fahnestock comparou artigos originais de *Science* com seus equivalentes de divulgação científica, publicados em *Science82*, ambas publicações da Associação Americana para o Avanço da Ciência e que se destinavam a diferentes públicos.

Massarani e Moreira [13], embora tenham apontado que a análise de Fahnestock seja em alguma medida simplificadora, já que reduz os textos divulgativos a seu aspecto meramente epididático, destacaram a importância dos estudos que ela desenvolveu para compreender o que ocorre com a informação científica no processo de acomodação para se destinar a diferentes audiências. Seguindo a trilha de Fahnestock, os autores se detiveram em dois estudos de caso de acomodação de conhecimentos científicos primários para textos de divulgação. Aquele estudo levantou pistas interessantes no que se refere a uma análise qualitativa do jornalismo científico e foi o ponto de partida para este trabalho. Aqui, dedicamo-nos a quatro estudos de caso, em que analisamos como as informações científicas provenientes de quatro artigos científicos publicados em duas das mais renomadas revistas científicas internacionais, a *Nature* e a *Science*, foram acomodadas no processo adaptativo realizado por jornais na América Latina.

## 2. Metodologia

Este estudo faz parte de um projeto de pesquisa mais amplo, "Jornalismo científico na América Latina", que analisa a cobertura de ciência na região (veja, por exemplo, Massarani *et al.*, 2005, Massarani e Buys, 2007).<sup>3</sup> Para este estudo em particular, foram analisadas todas as reportagens publicadas na editoria de ciência durante o mês de abril de 2004 dos jornais: *La Nación*, da Argentina; *El Mercurio*, do Chile; *Reforma*, do México; *El Comercio*, do Equador; *O Globo*, *Folha de S. Paulo* e *Jornal do Commercio/Pernambuco*, do Brasil. Um dos critérios para a escolha dos jornais foi o fato de terem uma editoria de ciência e equipe voltada para a área. Além disto, estão entre os de maior importância no país de origem. O *Jornal do Commercio* de Pernambuco foi selecionado por privilegiar a pesquisa regional fora do eixo Rio de Janeiro–São Paulo, onde se concentra a maior parte da atividade científica brasileira. A escolha do mês de abril se deu seguindo alguns critérios. Um deles é que queríamos analisar os jornais por um período de um mês, como parte de um estudo exploratório, para avaliar em que medida a análise das seções de ciência de jornais da região forneceriam dados efetivamente interessantes para consolidar um projeto mais robusto sobre a cobertura de ciência na América Latina; constatamos que os dados foram instigantes, o que nos levou posteriormente a ampliar o estudo para nove países e um período de análise de um ano ([12],[15]). A escolha pelo mês de abril em particular se deu porque se trata de um mês em que não há ocorrências de festividades como carnaval ou natal, que usualmente afetam a cobertura jornalística de ciência, portanto poderia ser considerado como um mês "típico"; a análise posterior das reportagens publicadas ao longo daquele mês mostrou que não houve ocorrências não usuais que poderiam dar um caráter atípico ao mês escolhido (por exemplo, como ocorreu na clonagem da ovelha Dolly, na viagem de um astronauta brasileiro ao espaço ou a gripe aviária, só para citar alguns exemplos).

Foram coletados 482 textos a partir de visitas diárias aos *sites* dos jornais. Do total de reportagens analisadas, detectamos 17 grupos de matérias publicadas sobre temas coincidentes, geradas a partir de um mesmo material fornecido pela comunidade científica: *press-releases* enviados por instituições científicas e artigos científicos. Buscamos aqueles temas veiculados em quatro jornais ou mais, chegando a um subtotal de seis grupos. Destes seis, excluimos dois *press-releases* gerados pela Nasa e por uma instituição de pesquisa francesa, detendo-nos em quatro grupos de reportagens originadas por artigos científicos publicados nas revistas *Science* (dois textos) e *Nature* (dois textos). Consideramos que assim teríamos um objeto de estudo mais homogêneo, já que as revistas têm propósitos similares e chegam aos jornalistas por mecanismos semelhantes, já que ambas enviam antecipadamente às Redações informações sobre os artigos de sua próxima edição.

<sup>2</sup> Os autores destes estudos seguem a opção de Massarani e Moreira (2002) de usar o termo "acomodação", que vem do termo em inglês usado por Fahnestock (1993) "accommodating"; outros autores poderiam preferir adaptação, que também é usado aqui intercambiavelmente, ou "transposição".

<sup>3</sup> Agradecemos a Luis Henrique Amorim e Bruno Buys, que também participaram do projeto "Jornalismo Científico na América Latina".

Em nosso estudo, procuramos analisar as transformações a que os textos originais foram submetidos, considerando os “ganchos” jornalísticos usados; as informações que apareceram, desapareceram e as que foram transformadas no processo de acomodação; erros, descuidos e incoerências.

Comparamos as reportagens sobre o mesmo tema entre si e com o material recebido das revistas científicas. Neste processo, observamos as informações mantidas e as que desapareceram, os recursos de estilo e de linguagem utilizados, os títulos, a maneira de organizar a informação, buscando semelhanças e diferenças na prática jornalística dos países e meios de comunicação envolvidos.

Os temas escolhidos foram: Divulgação do rascunho do genoma da ratazana, fonte primária *Nature*, com reportagens em quatro jornais; partenogênese em camundongo realizada por cientistas japoneses, fonte primária *Nature*, com reportagens em seis jornais; fóssil de gato descoberto em Chipre com datação estabelecida em 9.500 anos, fonte primária *Science*, com reportagens em quatro jornais; colar de 75 mil anos descoberto na África do Sul, fonte primária *Science*, com reportagens em quatro jornais (veja ao final a listagem dos artigos científicos e das reportagens, com as respectivas referências).

### 3. Resultados

#### 3.1 Os “ganchos” jornalísticos

Para analisar a abordagem que os jornalistas deram aos temas, utilizamos, além do próprio conteúdo das matérias, os títulos e entretítulos, já que resumem as idéias contidas nos parágrafos que os seguem e por terem como função chamar a atenção do leitor e dar destaque ao que o jornalista ou editor julga mais importante.

No caso do seqüenciamento do genoma da ratazana, pudemos observar que todos os jornais dão um tratamento direto e objetivo do fato científico. Mostra disto são os títulos: “Descifran el genoma de la rata de albañal” (Decifrado o genoma da ratazana) (*La Nación*), “La rata consigue su genoma” (Ratazana consegue seu genoma) (*El Mercurio*), “Ratazana é o terceiro mamífero com genoma seqüenciado” (*Jornal do Commercio*) e “Genoma dos ratos já tem rascunho” (*Folha de S. Paulo*). O título do artigo científico, “Genome sequence of the Brown Norway rat yields insights into mammalian evolution” (Seqüência genômica da ratazana traz novas luzes para a evolução dos mamíferos), contém informações que foram pouco aproveitadas no processo de acomodação nas reportagens. Três dos quatro jornais referem-se ao artigo científico no *lide*<sup>4</sup>. Todas as reportagens mencionam a aplicabilidade da pesquisa. Não verificamos um tratamento sensacionalista ao tema por parte dos jornais, como ocorreu em alguns dos casos a seguir.

Dos quatro jornais que publicaram sobre o o fóssil de gato descoberto em Chipre, três títulos indicam um tratamento diferenciado ao tema: “9.500 años de gatos en casa” (9.500 anos de gato em casa) (*El Mercurio*), “Hace 9.500 años el gato ya era amigo del hombre” (Há 9.500 anos, o gato já era amigo do homem) (*La Nación*), “Gato e homem já convivem há 9.500 anos” (*Folha de S. Paulo*), contra um mais convencional: “Hallan antiguo fósil de gato domesticado” (Encontrado antigo fóssil de gato domesticado) (*Reforma*), mais centrado na descoberta arqueológica em si.

Em *Folha de S. Paulo*, faz-se uma brincadeira com a figura do gato e um contraponto com o tempo de convivência humana com o cão:

Garfield, Frajola, Gato Félix e Tom não dariam muita atenção a esta notícia. Com o mesmo grau de independência e altivez de seus colegas gatos domésticos menos famosos, eles apenas lembrariam o “óbvio”: a importância da convivência com felinos para esse animal desajeitado que nada modestamente se autobatizou como *Homo sapiens*, “sapiente”, mas incapaz de caçar ratos com eficiência, mesmo que estejam com um martelo na mão. Pois foi descoberta agora a mais antiga prova da coabitação de gatos com seres humanos, na ilha mediterrânea de Chipre, data de nada menos do que 9.500 anos atrás. (...) (*Folha de S. Paulo*, 9/04/2004)

<sup>4</sup> Segundo o dicionário Aurélio (1999:1211), *lide* é a “parte introdutória de matéria jornalística, na qual se procura dar o fato, objetiva e sinteticamente, com o fim de responder às questões: o quê, quem, quando, onde, como e por quê”.

Em três dos jornais que cobriram a descoberta de um colar de 75 mil anos na África do Sul, fala-se da vaidade como característica que acompanha a humanidade desde os primórdios, bem como do valor inestimável da “jóia”. *Folha de S. Paulo* adotou um título convencional – “Gruta africana guarda colar de 75 mil anos” –, mas segue uma linha diferenciada ao longo do texto:

(...) As jóias mais antigas do mundo foram descobertas por arqueólogos na África do Sul. Não tinham nada de ouro, prata ou diamantes, mas são um tesouro mais importante do que costumam ser esses vis metais e pedras preciosas. (...) Cerca de 75 mil anos atrás existiu um ser humano que se deu ao trabalho de furar algumas dezenas de pequenas conchas e juntá-las em um colar para usar como ornamento. É o caso mais antigo conhecido desse desejo estético, 30 mil anos antes do primeiro registro conhecido. (*Folha de S. Paulo*, 16/04/2004)

A reportagem de *La Nación* tem um título sugestivo: “Coquetería prehistórica” (Vaidade pré-histórica). O destaque ao caráter espetacular descoberta é mostrado no parágrafo inicial:

Um grupo de arqueólogos europeus e africanos acaba de confirmar que a vaidade é um impulso definitiva e ineludivelmente humano: eles encontraram 41 conchinhas utilizadas como enfeite há nada mais, nada menos que 75 mil anos! (*La Nación*, 16/04/2004)

Os textos publicados em *O Globo* e *Reforma* são mais diretos. Na reportagem de *O Globo*, intitulada “Ornamentos humanos de 75 mil anos descobertos na África do Sul”, utiliza-se, como “gancho”, as alterações no comportamento e aparência que caracterizam o homem moderno tenham ocorrido de forma simultânea. Em *Reforma*, a matéria “Descubren arte antigo” dá um caráter mais refinado à descoberta ao associar o colar com arte.

A geração sem fecundação (partenogênese) do camundongo fêmea Kaguya teve peculiaridades no tratamento por parte dos jornais analisados. Como a técnica foi aplicada em mamíferos, deu margem a se especular que poderia também ser usada em seres humanos – aspecto recorrente nas abordagens de todos os jornais, mas não mencionado no artigo científico. As implicações éticas (não mencionadas pela *Science*) e o caráter inovador da técnica foram citados em todos os jornais. Chamou a atenção que o artigo científico de cinco páginas deu pouca ênfase ao camundongo em si, dando mais destaque à técnica, ao passo que o animal foi o centro das atenções na mídia. Tal reduzida atenção dada ao animal pelos autores do artigo científico pode ter sido uma estratégia – ainda que não necessariamente consciente – de não colocar em foco eventuais controvérsias e questões éticas em torno do experimento.

Os títulos são expressivos: “Revolución genética: japoneses generaron ratón sin padre” (Revolução genética: japoneses geraram rato sem pai) (*El Mercurio*), “¿Serán prescindibles los hombres?” (Os homens são prescindíveis?) (*La Nación*), “Obtienen ratón sin padre” (Obtido rato sem pai) (*Reforma*), “Rato criado a partir de dois óvulos e sem clonagem” (*Jornal do Comercio*), “Japão cria fêmea sem pai com duas mães” (*Folha de S. Paulo*), “Nasce mamífero sem pai e com duas mães” (*O Globo*).

O caráter espetacular da descoberta em destacado em alguns jornais (grifos nossos):

*Um dogma da ciência foi quebrado ontem* com o anúncio do nascimento do primeiro mamífero que tem duas mães e nenhum pai. (...) O nascimento de um mamífero vivo por partenogênese foi considerado *o fato mais revolucionário na biologia reprodutiva* desde a clonagem da ovelha Dolly (...). (*O Globo*, 22/04/2004)

Cientistas (...) *acabam de cruzar uma fronteira da biología que até hoje se acreditava intransponível: criaram um rato “sem pai”, ou seja, a partir de um embrião que foi gerado a partir de dois óvulos, sem fecundação, sem espermatozoides e sem material genético masculino.* (Nora Bär, *La Nación*, 22/04/2004)

Desde o aparecimento dos mamíferos e dos ancestrais dos humanos há milhões de anos, sua reprodução requeria, salvo casos excepcionais muito recentes com os clones, a intervenção de um espermatozoide e um óvulo. *Mas isto poderia ser mudado*, de acordo com os resultados publicados hoje na revista *Nature* por um grupo de cientistas (...) que obtiveram ratos de um óvulo sem necessidade de fecundá-lo com espermatozoides. (*Reforma*, 22/04/2004)

No corpo do texto, podemos observar um tom de preocupação (grifos nossos):

*A Natureza corre perigo novamente.* Se esse trabalho se aplicasse à reprodução humana, teria uma transcendência ética sem precedentes. Os homossexuais, de ambos os gêneros, poderiam ter filhos. (...) Também poderia nacer alguma criança sem mãe. (*El Mercurio*, 23/04/2004)

Entre os entretítulos, destacaram-se: “Nascimento por imaculada concepção” (*O Globo*), “Alerta roja” (Alerta vermelho) (*El Mercurio*), “Es increíble” (Incrível) (*La Nación*).

Já a *Folha de S. Paulo*, na com uma equipe composta apenas de homens, optou por fazer uma provocação:

Um brinde ao feminismo radical: cientistas anunciaram o nascimento do primeiro mamífero que é filho só da mãe. Ou melhor, de duas mães. (*Folha de S. Paulo*, 22/04/2004)

O *Jornal do Commercio* se ateu mais à pesquisa e à explicação da técnica, sem tantas menções a implicações éticas como os demais.

### 3.2 Informações que aparecem, desaparecem ou são transformadas

Ao compararmos as matérias analisadas com o artigo científico original, notamos a ausência de alguns tipos de informação presentes nos artigos fontes. Nas reportagens relacionadas a descobertas arqueológicas, foram suprimidas as técnicas usadas pelos cientistas para datar os achados – de grande importância para o meio acadêmico, mas geralmente considerados pelos jornalistas e editores como de menor valor para o público leigo. A técnica e a metodologia também não ganharam espaço nas reportagens sobre o seqüenciamento da ratazana. A exceção ficou por conta das reportagens sobre partenogênese de camundongos, em que a técnica usada fazia parte da notícia.

No artigo do seqüenciamento do genoma de ratazana, algumas informações cruciais foram negligenciadas nos casos analisados. Isto ocorreu no seqüenciamento do genoma da ratazana, em que nenhum dos jornais analisados mencionou que apenas os genes do cromossomo X foram mapeados. Também ficou ausente nas reportagens (à exceção de *El Mercurio*) que *Rattus norvegicus* é a espécie mais usada para pesquisar doenças ou testar novos medicamentos. A informação consta da primeira frase do artigo publicado na *Nature*: “O rato de laboratório (*Rattus norvegicus*) é uma ferramenta indispensável na medicina experimental e no desenvolvimento de remédios, tendo feito contribuições inestimáveis para a saúde”.

Também no artigo do seqüenciamento do genoma de ratazana, chama a atenção o fato de que o texto original tem 28 páginas, mas tal destaque dado pela publicação científica ao tema não teve reflexo tão significativo na grande imprensa (em geral em torno de 1.500 caracteres). O texto científico sobre o camundongo Kaguya, de cinco páginas, ganhou mais espaço nos jornais (cerca de 8.000 caracteres em *La Nación* e cerca de 4.000 caracteres nos outros jornais).

Inserir informações também é parte importante do processo de acomodação. Dados e explicações adicionais, informações históricas e paráfrases foram recursos usados nas reportagens analisadas. Destacamos, a seguir, um exemplo, retirado da matéria do jornal *O Globo* sobre a partenogênese em camundongos, intitulada “Nasce mamífero sem pai e com duas mães”:

O que é partenogênese? É uma forma de reprodução em que um óvulo gera um novo indivíduo sem fertilização. A partenogênese natural já foi observada em numerosas espécies de animais, particularmente insetos. Óvulos não fertilizados de abelhas e formigas geram machos e os fertilizados, operárias e rainhas. (...) (*O Globo*, 22/04/2004)

Outra maneira de inserir informações e ampliar o tema tratado na reportagem é a realização de entrevistas com pesquisadores não ligados ao estudo em foco, em muitos casos provenientes do país do jornal, a exemplo do que ocorreu nos quatro estudos de caso analisados aqui.

### 3.3 Erros, descuidos e incoerências

Ao longo de nosso estudo, identificamos alguns erros, descuidos e/ou incoerências nas reportagens publicadas. Grande parte deles se referia a dados numéricos ou traduções feitas de maneira apressada. Foi o caso da descoberta do fóssil de gato, enterrado ao lado de um ser humano. O texto original diz: “The cat skeleton was located in the same stratigraphic unit and just 40 cm from a human burial” [o esqueleto do gato foi localizado na mesma camada estratigráfica e apenas a 40 cm do esqueleto humano]. Veja trecho de uma das reportagens (grifo nosso):

O esqueleto de um gato *de 40 cm* foi encontrado por Jean-Denis Vigne e seus colegas do Museu Nacional de História Natural da França. (Reforma)

No caso do camundongo Kaguya, Sylvia Maestrelli, da Universidade Federal de Santa Catarina, aponta que houve grande distorção entre o que estava escrito no artigo científico e o que foi publicado nos jornais diários:

Os nove pesquisadores deram nó em pingo d’água e driblaram todas as leis biológicas para conseguirem o tal mamífero partenogenético (o *imprinting* é um mecanismo descrito há relativamente pouco tempo na genética e é importantíssimo, hoje os cientistas acreditam que ainda sabemos muito pouco sobre ele). Foi um experimento altamente especializado (eles tinham que saber quais genes eram ‘imprintados’ e importantes no desenvolvimento do camundongo, e achar um mutante adequado para o experimento). Eles construíram 598 oócitos, que foram morrendo pelo meio do caminho, até que apenas dois nasceram e o Kaguya sobreviveu. Moral da história: a última frase do resumo é, como esperado, a conclusão do trabalho, que diz claramente que a contribuição paterna é obrigatória para a descendência. E o que os artigos de divulgação científica fizeram? Vestiram-se com títulos chamativos e disseram exatamente o contrário do que os cientistas disseram.<sup>5</sup>

Observamos que o erro apontado pela pesquisadora foi recorrente em todas as cinco notícias jornalísticas resultantes do artigo científico. Tendo isto em mente, relemos o texto original, que é bastante técnico e pouco palatável para jornalistas, e não encontramos pistas que mostrassem o que levou a tal erro. Assim, buscamos o *press release* enviado aos jornalistas. Sob o título “Os homens são desnecessários?”, eis o primeiro parágrafo:

Os homens que se cuidem. Pesquisadores obtiveram camundongos vivos por partenogênese. O que significa sem espermatozóide, sem cromossomos masculinos e sem a necessidade de homens. O estudo é descrito na *Nature* desta semana.

Como pudemos ver, neste caso, o erro foi induzido pela própria *Nature*. Semir e Revuelta ([23], 114) comentam este tipo de erro, destacando que são mais comuns do que imaginamos:

A busca pelo rigor, a transparência e a objetividade que caracterizam o sistema *peer-review* – que são a base de credibilidade das revistas científicas – muitas vezes se perdem no caminho no momento em que se produzem os *press releases* que são enviados aos jornalistas. Isto pode ter conseqüências desastrosas, visto o impacto que os *press releases* têm sobre os meios de comunicação e estes sobre a sociedade, inclusive a comunidade científica, que também naturalmente se informa por esta via.

## 4. Considerações finais

Neste artigo, buscamos acompanhar o processo de acomodação da informação científica desde a sua fonte original – no caso, um artigo científico – até se transformar em uma matéria jornalística. Um primeiro aspecto que chamou nossa atenção ao iniciar este estudo foi o fato de que, em um período de 30

<sup>5</sup> Agradecemos a Sylvia Maestrelli por ter avaliado o conteúdo científico das reportagens, em comparação ao artigo original de *Nature* (comentários feitos por e-mail, em 18 de junho de 2006).

dias, identificamos 17 temas coincidentes, com reportagens geradas a partir de um mesmo material fornecido pela comunidade científica.

Observamos uma presença importante de matérias jornalísticas resultantes de iniciativas como as da *Nature* e *Science*, que enviam de antemão os press-releases sobre os artigos científicos da próxima edição para os jornalistas de diversos países. Nossos dados sugerem que tal iniciativa por parte dessas revistas científicas de enviar os press-releases às Redações tem sido bem acolhida pelos jornalistas, com impacto na cobertura jornalística. Estas iniciativas garantem que informações previamente submetidas a um processo de *peer-review* estejam disponíveis para os jornalistas latino-americanos. Porém, como efeito colateral disto, observamos – seguindo o que ocorre em vários outros países – uma grande homogeneização de temas na cobertura científica, muitas vezes seguindo interesses de outros países em detrimento de questões regionais.

Apesar dessa homogeneização de temas e de as reportagens terem sido geradas a partir de uma mesma fonte primária, observamos que os produtos finais, em muitos dos casos, são bastante diferenciados. Muitas vezes, os artigos reproduzem sem uma abordagem crítica as informações que chegam às Redações; mas, por outras, nota-se uma tentativa importante de dar um “colorido” local significativo, trazendo a novidade para a realidade regional.

De acordo com nosso pressuposto inicial, pudemos observar que o processo de acomodação representa uma mudança significativa no conteúdo dos textos, que inclui a existência de informações que desaparecem, aparecem ou que são deliberadamente alteradas; as transformações léxicas, no estilo e nas argumentações; a mudança na hierarquização das informações; a mudança da ênfase nas informações e no impacto social que podem ter. Tais alterações podem estar escoradas na “incompetência” de alguns jornalistas, como se defende com alguma frequência em fóruns que buscam discutir a relação entre cientistas e jornalistas. Erros e distorções existem, isto é certo. No entanto, em vários casos, esta é uma explicação simplista. Mais do que mera distorção do fato científico, o processo de acomodação da informação científica pode seguir a ideologia dos autores e a própria re-definição da informação em um novo espaço, o jornalístico.

## Referências

- [1] Aristóteles, *Arte Retórica e Arte Poética*. Rio de Janeiro, Ediouro, 1984.
- [2] M. Bauer, A. Ragnarsdóttir, A. Rúðólfssdóttir, *Science and Technology in the British Press, 1946-1990 – A systematic content analysis of the press*, work report, 1993.
- [3] M. Bucchi, R. Mazzolini, *Big science, little news: science coverage in the Italian daily press, 1946-1997*, *Public Understanding of Science*, 12: 7-24, 2003.
- [4] F. Clark, D. Illman, *A Longitudinal Study of the New York Times Science Times Section*, *Science Communication*, 27(4): 496 – 513, 2006.
- [5] C. Condit, *Science reporting to the public: does the message get twisted?*, *CMAJ*, 170 (9), 2004. Available at: <http://www.cmaj.ca/cgi/content/full/170/9/1415> (accessed on 28 January 2008)
- [6] B. Dutt, K.C. Garg, *An overview of science and technology coverage in Indian English-language dailies*, *Public Understanding of Science*, 9: 123–140, 2000.
- [7] E. Einsiedel, *Framing science and technology in the Canadian press*, *Public Understanding of Science* 1: 89–103, 1992.
- [8] J. Fahnestock, *Accommodating science: the rhetorical life of scientific facts*, in MCRAE, M.W. (Ed.) *The Literature of Science – perspectives on popular scientific writing*, Georgia, The University of Georgia Press, 1993.
- [9] Ferreira, *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999.
- [10] Hansen, R. Dickinson, *Science coverage in the British mass media: Media output and source input*, *Communications* 17 (3): 365-77, 1992.
- [11] Hargreaves, J. Lewis, T. Speers, *Towards a better map: science, the public and the media*, Swindon, Economic and Social Research Council, 2002.
- [12] L. Massarani, B. Buys, L. Amorim, F. Veneu, *Jornalismo científico na América Latina: um estudo de caso de sete jornais da região*, *Journal of Science Communication*, 4 (3), September, 2005. Available at: <http://jcom.sissa.it/archive/04/03/A040302/>, Accessed on October 15, 2007.

- [13] L. Massarani, I. Moreira, *A retórica e a ciência: dos artigos originais à divulgação científica*, *Ciência & Ambiente*, 23 – Jul. Dec. 2001.
- [14] L. Massarani, J. Turney, I. Moreira, (Org.) *Terra incógnita – a interface entre ciência e público*. Rio de Janeiro, Vieira & Lent, 2005.
- [15] L. Massarani, B. Buys, *Science in the press: A study case on science coverage in Latin American nine countries*, *Brazilian Journalism Research*, 3: 77-96. 2007.
- [16] M.C. Nisbet, B. Lewenstein, *Biotechnology and the American Media: The Policy Process and the Elite Press, 1970 to 1999*, *Science Communication*, 23(4): 359-391, 2002.
- [17] M.G. Pellechia, *Trends in science coverage: A content analysis of three US newspapers*, *Public Understanding of Science* 6: 49-68, 1997.
- [18] H. Peters, *The interaction of journalists and scientific experts: Co-operation and conflict between two professional cultures*, *Media, Culture and Society* 17:31-48, 1995.
- [19] C. Polino, D. Chiappe, M.E. Fazio, *Análisis de la oferta informativa sobre ciencia y tecnología en los principales diarios argentinos*, Final information, 2006.
- [20] C. Polino, D. Chiappe, M.E. Fazio, *Los hallazgos científicos en salud en los diarios de América Latina: ¿Qué se ofrece al público lector?*, I Congreso Iberoamericano de Ciencia, Tecnología, Sociedad e Innovación, Ciudad de México, 2006.
- [21] C. Roza, *Cultura científica y tecnológica en la prensa nacional*, I Congreso Iberoamericano De Ciencia, Tecnología, Sociedad e Innovación, Ciudad de México, 2006.
- [22] M.A. Saari, C. Gibson, A. Osler, *Endangered species: science writers in the Canadian daily press*, *Public Understanding of Science*, 7: 61-81, 1998.
- [23] V. Semir, G. Revuelta, *El Dr. Hwang y el clon que nunca existió*, *Quark*, 37-38: 105-123, 2006.

### Reportagens analisadas

- Barba, “Obtienen ratón sin padre”, *Reforma*, 22 de abril de 2004.
- Barba, “Descubren arte antiguo”, *Reforma*, 15 de abril de 2004.
- Barba, “Hallan antiguo fósil de gato domesticado”, *Reforma*, 8 de abril de 2004.
- “COQUETERIA Prehistórica. Descubren adornos de hace 75.000 anos”, *La Nación*, 16 de abril de 2004.
- “Descifran el genoma de la rata de albañal”, *La Nación*, 1 de abril de 2004.
- L. Duery, “Revolución genética – japoneses generan ratón sin padre”, *El Mercurio*, 23 de abril de 2004.
- M. Fox, “Genoma dos ratos já tem rascunho”, *Folha de S. Paulo*, 1 de abril de 2004.
- “La rata consigue su genoma”, *El Mercurio*, 01 de abril de 2004.
- “Nasce mamífero sem pai e com duas mães”, *O Globo*, 21 de abril de 2004.
- R. Bonalume, “Gruta africana guarda colar de 75 mil anos”, *Folha de S. Paulo*, 16 de abril de 2004.
- R. Bonalume, “Gato e homem já convivem há 9.500 anos”, *Folha de S. Paulo*, 9 de abril de 2004.
- “Ornamentos humanos de 75 mil anos descobertos na Africa do Sul”, *O Globo*, 15 de abril de 2004.
- “Ratazana é o 3º mamífero com genoma seqüenciado”, *Jornal do Commercio*, 1 de abril de 2004.
- “Rato criado a partir de 2 óvulos e sem clonagem”, *Jornal do Commercio*, 23 de abril de 2004.
- Smith, “9.500 anos de gatos en casa”, *El Mercurio*, 9 de abril de 2004.

### Artigos científicos analisados

- C. Henshilwood, F. d’Errico, M. Vanhaeren *et al.* “Middle stone age shell beads from South Africa”, *Science*, v.304: 404, 16 de abril de 2004.
- T. Kono, Y. Obata, Q. Wu *et al.* “Birth of parthenogenetic mice that can develop to adulthood”, *Nature*, v.428, 22 de abril de 2004. p. 860-864.
- R. Gibbs, G. M. Weinstock, M. L. Metzker *et al.* “Genome sequence of the Brown Norway rat yields insights into mammalian evolution”, *Nature*, v.428, 1 de abril de 2004. p. 493-521.



- J.-D. Vigne, J. Guilaine, K. Debue *et al.*, “Early taming of the cat in Cyprus”, *Science*, v.304, 9 de abril de 2004. p. 259.

### **Autores**

Fernanda Veneu é estudante de doutorado do Programa de Ensino de Biociências e Saúde, Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Brasil. E-mail: [fveneu@gmail.br](mailto:fveneu@gmail.br).

Luis Henrique Amorim é jornalista especializado em ciências brasileiro, mestre pelo Programa de Ensino de Biociências e Saúde, Instituto Oswaldo Cruz, Fiocruz. É editor do *Jornal da Ciência*, informativo sobre temas de política científica, publicado pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

E-mail: [luis@jornaldaciencia.org.br](mailto:luis@jornaldaciencia.org.br).

Luisa Massarani é jornalista especializada em ciências brasileira, doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Conjuga atividades práticas e acadêmicas. Coordena o Núcleo de Estudos da Divulgação Científica do Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz (Brasil) e o portal de SciDev.Net/América Latina e Caribe ([www.scidev.net](http://www.scidev.net)). E-mail: [luisa.massarani@pq.cnpq.br](mailto:luisa.massarani@pq.cnpq.br).